Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 32, nov. 2019 - ISSN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

Realidade e literatura: mundos e maneiras de existir em *Terra sonâmbula*

Gabriel Bittar Domingues[1]
Susylene Dias de Araujo[2]

RESUMO

O objetivo deste estudo é discutir a obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, sobretudo quanto aos aspectos do onírico, do literário e do real, mostrando como estes se confundem e por vezes abrem espaço para questionamentos acerca da existência ou não de instâncias metafísicas dadas como factícias, tais como o tempo ou as 'coisas'. A metodologia percorrida foi a revisão bibliográfica contando com livros relacionados ao tema e artigos, bem como a análise da obra discutida. Percebeu-se que a obra, escrita com o intuito de expor formas de viver e de pensar em Moçambique, tem grande potencial desconstrutivo no que diz respeito às relações entre os planos do que se diz por literário, real e onírico, esbarrando em diversas problematizações que vão na contramão de idealismos e apologias da razão.

PALAVRAS-CHAVE: Moçambique; Literatura africana; Realidade.

INTRODUÇÃO

[1] Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: gabrielbittardomingues@gmail.com

[2] Doutora e Mestre em Letras. É professora efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Coordenadora do curso de Letras. E-mail: susylenearaujo@yahoo.com.br

Dentre os estudos pós-coloniais, a pesquisa das literaturas produzidas nos países que sofreram colonização é parte a se ressaltar aqui. A pesquisa deste tema pode indicar as relações que existiam ou deixavam de existir entre os habitantes naturais de uma região e seu próprio espaço, bem como a forma como essas pessoas percebiam a empresa colonial no país, i.e., a percepção do outro, desse outro que invade, e o que é que as pessoas queriam dizer, escrever nessa época. Trata-se de um resgate histórico que não pode deixar de perceber o processo de colonização que há ainda hoje, e com isso nos referimos aqui não apenas à colônia propriamente dita na qual um país se instala em outro para dali retirar recursos e explorá-lo, mas também a colonização do pensamento/das ideias, que pode ser parte grandemente prejudicial para uma nação, deixando marcas sutis, porém incisivas.

A metodologia usada aqui foi a revisão bibliográfica baseada em livros e artigos referentes ao tema, bem como a obra discutida, *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Tentamos enxergar a obra sob uma perspectiva pós-colonial, com base nos estudos acerca da literatura africana de língua portuguesa, para contextualizar a discussão. O artigo está assim estruturado nos seguintes itens:

a) Literatura moçambicana, pós-colonialismo e Mia Couto, no qual apresentamos sucintamente as bases que serão usadas para interpretar o livro de Mia Couto, bem como apresentamos uma breve discussão panorâmica acerca do contexto da literatura moçambicana, relacionando-a ao contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, em que a obra referida se insere.

b) Onírico, literário, real: a dificuldade de dizer qualquer coisa, no qual analisamos a obra *Terra Sonâmbula*, já sob a perspectiva desenhada anteriormente e buscando sublinhar aspectos que possam explicar suas relações com as tentativas de superação do colonialismo. Este último item serve como apresentação que comporta o subitem “Sonho e o ‘real’ como metáfora do nada”, no qual está a discussão acerca das instâncias que se podem notar na obra e de seu potencial desconstrutivo frente à metafísica.

LITERATURA MOÇAMBICANA, PÓS-COLONIALISMO E MIA COUTO

Sabe-se que a literatura moçambicana, como ocorre com a literatura africana de língua portuguesa, se assim podemos dizer de uma forma geral, é fortemente marcada pela tentativa de afastar-se da instituição colonialista, no sentido de sair das imposições culturais e sociais que Portugal trouxe com sua instalação no continente. Tal instalação, claro, teve fins de exploração, o que trouxe o sentimento de revolta a esses africanos, inclusive aos moçambicanos (cuja literatura enfocamos aqui). Não se pode negar que Moçambique seja ainda vítima de tentativas de exploração ou que o pensamento tenha mudado completamente hoje, mas a literatura moçambicana veio justamente nesse sentido de mudar a mente das pessoas que ali viviam, indo contra o sistema político e também cultural que ali vigorava. É claro que nem sempre foi assim. Não se pode simplesmente tachar toda a literatura nascida em Moçambique

como uma busca pela libertação do país da empresa portuguesa; há quem afirme que houve um período literário de conivência com o sistema opressor, bem como um período de nacionalismo nessa literatura, até que se pudesse chegar a uma produção literária consciente das demandas e das dores moçambicanas.

Um fato indubitável é que a empresa colonial inseriu, verticalmente, o uso da língua portuguesa pelo país. Esse uso resultou no fato de Moçambique fazer parte dos países que produzem literatura africana de língua portuguesa, a qual não se tem ainda um consenso de como deveria ser chamada, por ser uma questão delicada e que envolve fatores como a própria identidade africana desses países e suas relações com a colonização portuguesa. A língua portuguesa coloca mesmo os países africanos em uma dualidade de mundos que se reflete na literatura da época da colonização:

> Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um "homem-de-dois-mundos", e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais (FONSECA; MOREIRA, 2007, p.14).

Esse "homem-de-dois-mundos" cabe bem na leitura que aqui apresentamos da obra *Terra Sonâmbula*, visto que a mesma se constrói sob uma dualidade de mundos que deve ser melhor discutida no próximo tópico. Talvez no sentido de traduzir essa sociedade colonizada, que sofre a imposição da língua portuguesa e começa a se organizar de acordo com os moldes de Portugal, Couto coloca o literário e o 'real' muitas vezes em choque, por meio do apagamento das diferenças entre real e onírico, real e literário, o que faz com que se possa gerar até mesmo questionamentos acerca de em que plano se situam as personagens em dados momentos. Isso deve ser melhor abordado adiante. Importa aqui apenas observar melhor esse choque que a literatura africana e, de forma mais específica, moçambicana sofre com a vinda do outro, do estranho, que seria a inserção de uma cultura diferente (a portuguesa) e como ela lida com isso, a fim de que se possa melhor compreender o contexto da obra discutida.

Na época colonial da literatura em Moçambique, de acordo com Silva (2010, p.36), "o homem branco é apresentado como um herói mítico, um desbravador que levaria a civilização às terras inóspitas do continente africano". O que se tenta fazer com a literatura a princípio é justamente o estabelecimento de um poder, ou melhor, de uma cultura de poder. É por meio dos livros e das histórias propagadas que se impõe a verticalização não só da

língua, mas também do pensamento hierárquico que coloca os portugueses como heróis, desbravadores, e não como invasores. Não bastasse tal, a época colonialista da literatura moçambicana ainda fazia referências à literatura de maneira claramente atrelada a Portugal e dependente da metrópole. Essa literatura foi denominada de "literatura da África portuguesa", "literatura ultramarina de Portugal" (SILVA, 2010, p.20), sempre desqualificando os moradores autóctones de Moçambique, sempre reivindicando a literatura e o poder da criação artística.

A partir de 1964, com a campanha de libertação da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique, é que se começa a ter uma substancial contestação das visões de mundo colonizantes (MENDONÇA 1988, pp.40-41, apud SILVA, 2010, pp.44-45), colocando os moçambicanos em evidência como sujeitos que constroem seu espaço. Nesse momento há a guerra pela libertação, bem como a tentativa de intelectuais de entrar em confronto com as ideologias colonialistas, que subjugavam o povo local e enalteciam a língua, os costumes e a nação portuguesa. É no sentido de buscar uma escrita que leve os problemas de Moçambique e que mostre com autenticidade o que o povo local pensa e vive, que Couto escreve *Terra Sonâmbula*. Reside aí grande importância da obra.

ONÍRICO, LITERÁRIO, REAL: A DIFICULDADE DE DIZER QUALQUER COISA

O romance se passa, em sua maior parte, em dois planos, sendo que ambos partilham a mesma ideia de caminho: no primeiro, que se afigura como o do 'real', há a dupla Muidinga e Tuahir, que caminha para sobreviver, com medo de morrer na guerra, seja por fome, seja por se tornarem vítimas de violência; no outro, do literário, do autobiográfico, da escrita, há a personagem Kindzu, que acaba por se tornar um homem solitário e que sai à procura de se tornar um guerreiro Naparama. Vale ressaltar que esse literário, esse autobiográfico, é retirado de cadernos encontrados em uma mala perto do corpo de um homem morto, o que a princípio dá indícios que sejam dele. Kindzu possui muitas semelhanças com Muidinga, sendo as principais que eles são órfãos, e que estão sempre a caminho de algo. São essas as identidades que constituem Moçambique: identidades que estão a caminho, formando-se em meio a uma guerra incessante. Guerra que Kindzu desconfia que jamais se acabará, porque a guerra legitima o roubo, autoriza a violação do outro e a apropriação do que o outro tem. Em diálogo entre Kindzu e Farida, esta demonstra interesse em conhecer os motivos da guerra, ao que o primeiro apresenta seus pensamentos em primeira pessoa:

> Lembrei as palavras de Surendra: tinha que haver guerra, tinha que haver morte. E tudo era para quê? Para autorizar o roubo. Porque hoje nenhuma riqueza podia nascer do trabalho. Só o saque dava acesso às propriedades. Era preciso haver morte para que as leis fossem esquecidas. Agora que a desordem era total, tudo estava autorizado. Os culpados seriam sempre os outros. (COUTO, 1992, p.112).

Esses apontamentos sobre a guerra reforçam a ideia, já fortemente matizada na obra, de uma nação sem esperanças. Não parece haver solução para Moçambique, para a guerra que lá ocorre, para a corrupção dos administradores ou para os concidadãos que, em meio a condições de vida degradadas, também eles mesmos agem sem pensar sobre a existência do outro ou qualquer coisa, pela necessidade de sobrevivência. Esse espaço de guerra e destruição tanto é uma ameaça de futuro igualmente devastador às personagens, mostrando-as de forma trágica, i.e., despidas de tudo o que se constrói nas metafísicas positivas, quanto também acaba por ser a possibilidade de surgir o sonho. O sonho não vem como esperança, como crença de que aquela suposta realidade dura que se vive poderá mudar um dia, mas como uma real mudança no aqui e no agora. O onírico e o literário aparecem na obra como efetivas possibilidades de vivência, e é isto que torna a obra um grande questionamento acerca das margens do real.

Como obra literária, o próprio exemplar de *Terra Sonâmbula* que o leitor segura em mãos ou vê na tela de um dispositivo já é um plano de existência. Essa obra literária contém outros planos de existência dentro dela: a história envolve a leitura diária dos diários de Kindzu, por meio da qual Muidinga é levado a viver em um outro universo. Assim, convencionando chamar o leitor de *Terra Sonâmbula* de X, há aqui no mínimo: a) o plano de X; b) o plano da primeira narrativa do livro (que envolve Muidinga e Tuahir); c) o plano da história narrada nos cadernos de Kindzu, vistos por Muidinga como leitura, mas vista por X como uma segunda narrativa, inserida na primeira; d) o plano da memória de Muidinga: a realidade de Muidinga é a de órfão, porque não conhece sua história, entretanto, hora ou outra lembra-se de algo que lhe ocorreu ou põe em questão sua própria memória, mostrando que a própria memória do sujeito que lida com seu mundo é também um espaço de existência das 'coisas'. Isso tudo atrelado ao fato de o plano B apresentar, ele mesmo, uma estranha incerteza na maioria de seus acontecimentos, distanciando-se da ideia de 'fato', leva-nos a ver a realidade como algo não tão simplesmente dado. A crença na realidade como dada começa a parecer dogmática, ligada de alguma forma a certa intenção enclausuradora do sujeito que a propõe, já que as coisas estão espalhadas em diversos planos de existência.

SONHO E O 'REAL' COMO METÁFORA DO NADA

A começar nossa investigação pelo trânsito entre os supostos espaços do literário, do real e do sonho, interessa observar um excerto de uma análise da obra discutida:

> Uma terra que esqueceu de sonhar: eis a forte metáfora sobre a qual se sustenta a narrativa de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. É entre a impossibilidade e a necessidade do sonho que

> se instaura o eixo central da história de Muidinga e seu avô Tuahir, assim como os fragmentos perdidos de memória presentes nos diários de Kindzu. Analogamente, é nesse mesmo jogo entre sonho e realidade que reside, em um processo metonímico, a referência central a uma terra e a uma cultura que perambulam sonambulamente, dormentes, à procura de uma possibilidade de compreensão da realidade dura em que se inserem. (STACUL, 2016, pp.136-137).

No ápice das tentativas de colocar a razão como centro de todo e qualquer pressuposto está o idealismo. Este é baseado na ideia de que a razão é capaz de tudo compreender e que ela é a possibilidade de legitimação de qualquer coisa. Cria-se a ideia de 'real' sempre com base em um centro, um fundamento que possa justificar por que é que 'p' é verdadeiro e 'q' é falso, derivando disto que o verdadeiro está de acordo com o real e o falso não está. O principal representante do idealismo é Georg W. F. Hegel. Este afirmava que o espírito passa por três estágios a fim de que possa dar algo como legítimo:

a) o momento em que está em-si, no qual há apenas o espírito como coisa, sem qualquer movimento, sem receber ou dar qualquer coisa;

b) o momento fora de si, no qual o espírito entra em contato com o mundo, alienando-se, e

c) 'em-si-e-para-si', que é o momento em que o espírito completou sua volta e retorna a si, passando então a existir a coisa externa por meio da validação que é o retorno do espírito a si mesmo.

Dessa forma, "o real, portanto, é processo que se autocria enquanto percorre os seus momentos sucessivos e no qual o positivo é o próprio movimento, que é auto enriquecimento progressivo" (REALE, 1991, p.103). A consciência existe nessa dialética de sair de si e voltar a si, sempre tornando-se alheia a si mesma e retornando a si, para assim gerar o mundo em que vive.

O culto à razão cria de imediato uma hierarquia entre esta e o mundo, visto que é ela quem o gera. A hierarquia está fundada na origem, na anterioridade, no arquivo, como poder-se-ia notar em Derrida (2001, p.8), ao dizer que o arquivo traz a "escavação [...] constituição de uma instância e de um lugar de autoridade [...], tal seria a condição do arquivo". É real aquilo que garante a realidade: é real a consciência, a memória como arquivo, tudo aquilo que é fruto da razão. Forte representante da expressão dessa hierarquia está nos *Cursos de Estética*, obra do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, na superioridade do que é criado pela razão sobre aquilo que é da natureza:

> A superioridade do espírito e de sua beleza artística perante a natureza, porém, não é apenas algo relativo, pois somente o espírito é o verdadeiro, que tudo abrange em si mesmo, de modo que tudo o que é belo só é verdadeiramente belo quando toma parte desta superioridade e é por ela gerada. Neste sentido, o belo natural aparece somente como um reflexo do belo pertencente ao espírito, como um modo incompleto e imperfeito, um modo que, segundo a sua substância, está contido no próprio espírito (HEGEL, 2001, p.28).

O 'real', nesse sentido, é aquilo que é instaurado pela consciência. Não é, no entanto, o que se pode tirar de *Terra Sonâmbula*, na qual "[...] o narrador coutiano coloca dois universos contrários em contato e rompe com a pretensa linearidade da oposição binária entre real e irreal" (STACUL, 2016, p.137). É muito difícil encontrar a linha entre consciência e natureza em *Terra Sonâmbula*, pois há eventos marcantes como o fato de que Muidinga se insere nas histórias que lia nos cadernos de Kindzu, acabando por crer que ele fosse Junhito, seu irmão que virou um galo e saiu ciscando pelo mundo (COUTO, 1992, p.40). Muidinga, que não se recorda de seu passado ou de seus pais, mostra a fragilidade da memória para dizer do mundo, tendo vários lapsos lembrando disto ou daquilo e construindo-se como sujeito fragmentado, como conjunto de memórias. Esse conjunto que é Muidinga sofre a influência de outra vivência fragmentada (a de Kindzu).

A noção de real em *Terra Sonâmbula* assume, por esses motivos, uma característica de grande relatividade, porque tudo tem várias camadas por trás, i.e., ora se toma como real a vida sem memórias de Muidinga, ora se toma como reais as lembranças que lhe vêm, ora notamos que deveriam ser vistas como reais as histórias autobiográficas dos cadernos de Kindzu etc., sem considerar ainda a distância de tudo isso em relação à perspectiva do leitor que segura o livro *Terra Sonâmbula*. Essa série de inserções levanta suspeitas de que o mundo todo possa não passar de uma simulação, como se tem defendido em teorias filosóficas:

> *at least one of the following propositions is true: (1) The fraction of human-level civilizations that reach a posthuman stage is very close to zero; (2) The fraction of posthuman civilizations that are interested in running ancestor-simulations is very close to zero; (3) The fraction of all people with our kind of experiences that are living in a simulation is very close to one.* (BOSTROM, 2003, p.14)[3].

O problema aqui é que as impossibilidades de compreender tal fato tornam-no em especulação. Seria preciso retornar a Kant e notar o quanto a razão é pretensiosa: não basta usar a si mesma como fundamento de todo o mundo, também é preciso criar esquemas fechados que digam o que o mundo é ou deixa de ser. A própria ideia de 'o mundo' é singular e desconsidera a pluralidade de mundos que se formam para cada visão de mundo. É difícil afirmar categoricamente que Bostrom esteja correto ou incorreto, mas importa perceber o sutil movimento da razão em todas as tentativas metafísicas de dizer o que é o real: ele pode ser aquilo que se vê e sente (como em Aristóteles), pode ser mera ideia (como em Platão ou em Hegel), ou pode ser simulação (como em Bostrom). Seria demais quebrar as margens da metafísica e adiar a pergunta pelo "quê", dando certa prioridade à pergunta pelo "como"?

[3] "Ao menos uma das seguintes proposições é verdadeira: (1) A fração de civilizações de nível humano que alcançou o estágio pós-humano é muito próxima a zero; (2) A fração de civilizações pós-humanas interessadas em rodar simulações ancestrais é muito próxima a zero; (3) A fração de todas as pessoas com nosso tipo de experiências que estão vivendo em uma simulação é muito próxima a um". [tradução própria].

Poderíamos nos perguntar: como é que conhecemos? Como é que este ou aquele sujeito se reconhecem em suas vivências?

No caso de *Terra Sonâmbula*, o real do livro está dentro do real do leitor, e o real das histórias de Kindzu estão no real de Muidinga, e o real da memória de Muidinga é tão relativo quanto os sonhos que Kindzu tem com seu pai, que morreu, mas volta constantemente para influenciar em sua realidade. Tantos usos de uma só palavra não podem deixar o dogma da univocidade e da identidade sobreviver, e a afirmação do real depende notoriamente de conceitos como a identidade, a não contradição, e até mesmo da substância, de qualquer maneira. Estamos completamente invadidos por esses conceitos lógicos em todas as nossas ações e julgamos o mundo de acordo com eles, inclusive quando afirmamos que este é uma simulação de computador.

Nesse momento podemos começar a considerar o real como uma metáfora do nada, uma tentativa de dizer algo que não se tem em mente. Não há absolutamente qualquer coisa em mente quando alguém fala do real. Pode-se estar pensando neste teclado manchado de café ou naquele acontecimento trágico de sábado passado; em uma missa, um sujeito cristão pode estar pensando em como toda aquela organização lhe dá o sentimento estético de preenchimento do sublime, enquanto o agnóstico pode sentir tédio — nada disso e tudo isso diz do real, de alguma forma. Diz, porque quando alguém fala dessas coisas, faz referência a todas elas e categoriza-as, rotula-as como ‘real’; não diz, absolutamente, porque isso não quer dizer nada. O real de um não é o de outro, e pouco importa isso. Para Lyotard (1988), a questão da legitimidade é considerada ou deixa de ser considerada de uma determinada forma, em relação a um determinado ‘real’, de acordo com o modo como está instalada a “natureza do saber narrativo”, que envolve o saber científico:

> Precisemos, de início, a natureza do saber narrativo; este exame permitirá, por comparação, discernir melhor pelo menos certas características da forma de que se reveste o saber científico na sociedade contemporânea. Ajudará também a compreender como se considera hoje, e como não se considera mais, a questão da legitimidade. (LYOTARD, 1988, p.35).

No fim, a discussão sobre ‘o real’ é sempre uma discussão sem sentido. Esta é apenas uma palavra que transita em Aristóteles, Platão, Hegel, Berkeley, Marx, etc., etc., e que tem o intuito de conferir ou não validade, ora dizendo que X é a ‘verdade’ e o ‘real’, ora dizendo que Y é que tem este estatuto. Olhando novamente para *Terra Sonâmbula* e para Hegel, podemos notar o momento do para-si, o momento de conferência do real, como um momento que só ocorre assim nos limites da razão. Como Kindzu vivesse uma complexa trama de sonho, ao encontrar Farida revela: “Talvez, quem sabe, cumprisse o que sempre fora: sonhador de lembranças, inventor de verdades” (COUTO, 1992, p.115). É a isto que se refere a verdade, o real: ao nada sólido sonhar de lembranças. As lembranças são vividas, são sonhadas; a verdade é inventada. Não há contraposição: estamos falando da mesma coisa e usando palavras diferentes.

Certamente inventa-se a verdade, mas não à maneira de Hegel, de efetivamente criar um real com base no universal, que possa ser válido para todos. Inventa-se também o real, e inventar é diferente de criar. “O que são as coisas?” - esta é uma boa pergunta, que pode ser adiada junto com todo aparato metafísico. A própria ideia de superioridade vem junto com os conceitos da razão, com as categorias e substâncias, que permite haver uma hierarquia entre os ‘seres’. Parece complicado falar nisso olhando para as relações do onírico, do literário e do real em *Terra Sonâmbula.* Essas instâncias estão sempre envolvendo umas às outras e abrindo espaço para questionamentos, em relação aos quais este artigo não faz senão provocar, jamais tentando concluir ou ser decisivo em relação a qualquer coisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela discussão aqui exposta, esperamos ter apresentado pontos da obra *Terra Sonâmbula* que mostram a complexidade das questões que a literatura levanta em relação ao real. Esses dois termos acompanhados de seus artigos, ‘a literatura’ e ‘o real’ soam como singularidades inventadas, quando se pensa como o discutido livro de Mia Couto traz questionamentos acerca dos planos do onírico, do literário e do real e de suas relações. Não tentamos aqui concluir qualquer assunto, mas apresentar pontos de vista e discussões, com base nos referidos autores, que possam trazer uma forma de interpretação da obra.

A princípio, apresentamos o contexto em que *Terra Sonâmbula* foi escrita, após diversas tentativas de deslegitimar a literatura e a cultura moçambicanas. Couto é escritor inconformado com tal situação e traz diversos questionamentos que desconstroem aspectos regulares de dadas filosofias, à mesma maneira da ciência extraordinária frente à ciência normal na epistemologia proposta pelo filósofo Thomas Kuhn. Uma tal ruptura epistemológica é notória em diversos momentos nos quais a obra vai e volta entre planos como os discutidos no item “Sonho e o ‘real’ como metáfora do nada”, dadas as dificuldades de falar em realidade como instância única à qual tudo deve se adequar e dadas as diversas possibilidades que circundam esse campo, impossibilitando a universalização ou fixação dos conceitos.

Acreditamos aqui ter apresentado, de maneira breve, uma possível interpretação da obra em questão tendo por base discussões contemporâneas e pertinentes aos temas do onírico, literário e real e de como esses domínios são tratados por Mia Couto. De tal discussão decorrem importantes temas, como os mais metafísicos acerca da existência e das coisas, ou os mais epistemológicos ou lógicos, como a temática do arquivo, ou até mesmo as questões mais duras e evidentes, como a situação de Moçambique e o constante medo da guerra que vivenciam os andarilhos Muidinga e Tuahir, refugiando-se em um ônibus queimado para não virarem novas vítimas da violência instalada em seu país, desconfiando de tudo e de todos. Com tais reflexões, esperamos ter sustentado suficientemente a possibilidade de pensar que a obra traz uma desconstrução da maneira identitária de enxergar as instâncias da realidade, de tal forma que não se possa definir tão clara e tão

brevemente as coisas pulando a questão epistemológica 'de onde vem tal definição?'.

REFERÊNCIAS

BOSTROM, Nick. ***Are you living in a computer simulation?.*** **Philosophical Quarterly**. v. 53., n. 211. 2003. Disponível em: https://philpapers.org/rec/BOSAWL. Acesso em: 09 jan. 2019.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Lisboa: Editorial Caminho, 1992. 227p.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 130p. (Conexões; 11).

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos Cespuc de Pesquisa Série Ensaios**. n.16. set. 2007. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446. Acesso em: 10 out. 2018.

HEGEL, Georg W.F. **Cursos de Estética I**. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 302p. (Clássicos; 14).

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988. 123p.

MENDONÇA, Fátima. **Literatura moçambicana**: a história e as escritas. Maputo: Faculdade de Letras e Núcleo Editoral da Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. São Paulo: PAULUS, 1991. 1113p. (Coleção Filosofia).

SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa**: imagens do tempo na ficção de Mia Couto [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 282 p. Disponível em: http://books.scielo.org/id/sx4bj/pdf/silva-9788579831126-03.pdf. Acesso em: 01 jan. 2019.

STACUL, Juan Filipe. Terra sonâmbula, de Mia Couto: do onírico ao surreal. In: SILVA, Franciane Conceição da (Org.). **Literaturas africanas**: narrativas, identidades, diásporas. Colatina: Clock-Books, 2016. 250p. (Acadêmica).